



GT 21. Buscando a vida em paisagens incertas

Coordenador(es):

Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 1

Debatedor/a: Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Rodrigo Charafeddine Bulamah (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 3

Debatedor/a: Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Nos últimos anos, a antropologia tem se engajado em uma crítica etnográfica ao conceito de vida, questionando binarismos que opõem vidas biológicas e vidas biográficas, naturais e sociais, os universos da vida e da morte, das vidas humanas e mais-que-humanas. Esses questionamentos ganham urgência diante de processos contemporâneos como a dessalarização do trabalho, a precarização do emprego, a carestia, as crises ambientais, o deslocamento de populações, colocando em jogo os conceitos de sobrevivência e de vida plena, de sorte, destino e força que informam as diferentes formas de se virar na vida. Interessa-nos enriquecer essa crítica de forma comparativa, aproximando contextos globais nos quais pessoas e coletivos buscam suas vidas (se viram, hacen sus vidas, make their living, chache lavi) em quadros de agudas mudanças que embaralham dimensões políticas, econômicas e ambientais. Buscamos assim revisar o próprio conceito de incerteza, retomando questões clássicas como as relações entre estrutura e conjuntura ou entre ordinário e extraordinário. Inspirados pelo tema do congresso, pensando não só saberes, mas também práticas insubmissas, convidamos a refletir de que forma as paisagens incertas envolvem perturbações nas perspectivas temporais, enquanto estados passageiros ou permanentes, compondo espaços de experiência ou horizontes de expectativas, interagindo com as relações entre gerações, mobilizando metáforas e analogias ou produzindo novos conceitos e formas associativas.

?Ele comeu tudo?: a circulação de óleo de palma, dinheiro e vida na floresta do Mayombe (RDC)

Autoria: Rosa Cavalcanti Ribas Vieira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Baseado em material coletado em work de campo, este artigo analisa a circulação de galões de óleo de palma e dinheiro em um vilarejo na floresta do Mayombe (República Democrática do Congo) para discutir um universo moral que define maneiras mais (ou menos) aceitas de se comportar. Descrevo o ato de ?comer dinheiro? [kudyá zimbóóngó], muito comum nas trocas de galão, sugerindo que ele contraria um ?saber viver? [záába zínga] com e nas pessoas. Neste contexto etnográfico, o conceito de vida é mobilizado enquanto um conhecimento referente à maneira adequada de se comportar com as pessoas de modo a preservar as relações e a continuidade das trocas. O óleo de palma é a principal fonte de renda do vilarejo. Embora o corte e a coleta dos grãos da palmeira compreendam a combinação de atividades masculinas e femininas, os homens que são encarregados de elaborar o óleo em máquinas artesanais situadas na floresta. Eles posteriormente gerem os destinos dos galões, que servem para pagar as comerciantes da cidade. Trata-se de um esquema padronizado de dívida e empréstimo. A única maneira de se obter uma quantia elevada de dinheiro no vilarejo é pegando dinheiro emprestado com comerciantes da cidade, que depois é pago em



forma de galões de óleo de palma. Neste contato com a cidade, os galões se transformam em dinheiro. Mas dentro do vilarejo eles funcionam também como dinheiro, sendo usados para pagar escola, hospital, aluguel de terras. Os laços de dívidas que conectam as pessoas passam, assim, pela circulação de galões. Os conflitos surgem quando alguém ?come dinheiro? do outro, prejudicando-o. A expressão ?comer dinheiro? tem um sentido negativo quando é utilizada acompanhada de um gesto que remete a acabar com algo em circulação. No caso do dinheiro, trata-se de um dinheiro que não retornará mais para aquele que o emprestou. Se, por um lado, o dinheiro para esta pessoa ?acaba?, por outro lado, seria possível dizer que tal ato ?acaba? também com uma relação de troca. Comer dinheiro do outro fere certo ?saber viver? [záába zíínga] com os outros e nos outros, que diz respeito, inversamente, à necessidade de alimentar continuamente as relações. O artigo coloca em questão a distinção vida biológica/vida social à medida que problematiza a compreensão biológica e ocidental do ato de comer, entendido como mastigação e a deglutição de uma substância por um organismo. Busco recuperar debates antropológicos sobre dádiva e pessoa para discutir como o estatuto das coisas, enquanto coisas que ?acabam?, está vinculado aos efeitos que suas ?ingestões? geram nas relações e na composição da pessoa.

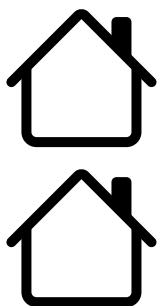
[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: